

# FATOS E NOTAS

---

LUCIEN FEBVRE.

O problema da consciência e da realidade.

---

*CARLOS ALBERTO NARDY*

Licenciado em História pela Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

*Introdução.*

O problema das relações entre a consciência e a realidade tem sido abordado de duas maneiras que, em última análise, se excluem mutuamente: a primeira encara a consciência como algo explicável por si mesmo, inteiramente independente da realidade subjacente. Uma História concebida nessa perspectiva conduz a interpretar o político por exemplo, a partir dêle mesmo. Raymond Aron, hoje, é um dos teóricos mais expressivos dessa corrente.

A outra, que tem em Marx o seu principal inspirador, entende que a produção da consciência está ligada intimamente à atividade material dos homens.

“... Os homens é que não são produtores de seus conceitos de suas idéias, etc., mas os homens reais, ativos, condicionados por uma evolução definida de suas forças produtivas e pelas relações correspondentes a elas...” (1).

Em suma, para Marx, não é a consciência que determina a realidade, mas a vida que determina a consciência. Tôdas as formas de ideologia dependem, em última instância, das relações materiais que os homens estabelecem entre si na realização do processo produtivo.

Embora boa parte da historiografia contemporânea venha se orientando de acôrdo com as coordenadas gerais colocadas por Marx, a paralização do pensamento marxista principalmente em virtude do aparecimento do estalinismo, criou uma barreira teórica das mais sérias: o problema da redução imediata do acontecimento ao econômico.

---

(1). — Marx (Karl), *Ideologia Alemã*. São Paulo, Zahar, p. 21.

Sartre, por exemplo, percebe claramente que se existe certa realidade como a Guerra Civil Americana, que é imediatamente redutível ao econômico, o mesmo não acontece com a Revolução Francesa, cuja especificidade reside precisamente no fato de os revolucionários considerarem o político como um absoluto. Neste caso, então, para entender-se a Revolução Francesa, é indispensável realizar a passagem por uma hierarquia de mediações (2).

Embora Sartre avance em relação aos marxistas ortodoxos, superando o problema do mecanicismo, ele não chega a propor uma hierarquia de mediações.

Do ponto de vista metodológico, o autor que talvez melhor tenha resolvido esse problema, é Lucien Febvre. E' interessante analisar como o autor vai tratar desses problemas.

\*

#### *O problema da consciência e da realidade em Lucien Febvre.*

Lucien Febvre deixa claro que para ele o problema da consciência só pode ser entendido desde que relacionado com o estudo da realidade material.

Isso fica mais evidente quando Febvre critica Etienne Gilson, um historiador da Filosofia (3 e 4). Ele se refere, particularmente, ao problema do espírito no século XIV. Gilson registra o aparecimento de muitos pensadores dotados de aguçado espírito crítico em relação aos sistemas filosóficos vigentes no século XIV. Entretanto, na visão de Gilson, esse espírito crítico acaba surgindo a partir do sérebro dos pensadores. No fundo, ele não estabelece uma relação entre a evolução no tempo da filosofia e a realidade subjacente. E' um esquema tipicamente idealista.

Mas Lucien Febvre, como historiador, não vê como Gilson pôde mostrar-se indiferente ao florescimento do capitalismo mercantil no século XIV (principalmente na Itália), que havia gerado uma moral individualista que, por sua vez, romperia com a unidade da ordem social.

Febvre chama a atenção aqui para a relação íntima existente entre a consciência e a realidade. Apesar disso, não fala de um primado do econômico "mas sim de interferências entre as duas esfe-

(2). — Sartre (Jean-Paul), *Questão de Método*. São Paulo, D.E.L., 1967, p. 39.

(3). — *Les Historiens de la Philosophie: Etienne Gilson et le Philosophie du XIVe siècle*, in "Combats pour l'Histoire", Paris, Armand Collin, 1965, p. 284-288.

(4). — Também é clara sua posição relativamente ao problema em seus estudos sobre as pinturas de Sluter, *Les Historiens de l'Art — De Sluter a Sambin*, in "Combats pour l'Histoire", p. 295 e 301.

ras". Ele pede ao historiador das idéias que mantenha sempre aberta uma porta de comunicação pela qual o mundo das idéias possa ser relacionado com o mundo das realidades.

Fica claro, assim, que Febvre se situa na fronteira do marxismo. Valoriza o papel do econômico, mas se distingue de Marx ao negar à infra-estrutura a função de categoria determinante.

\*

### *Vida Material e Psicologia.*

Ao estudar a psicologia coletiva durante o final da Idade Média, Febvre demonstra essa mesma preocupação ao ressaltar a importância da vida material como fator explicativo de uma psicologia. As imposições da vida agrária, típicas da Idade Média, teriam determinado os hábitos mentais, maneiras de sentir e de querer do homem a ela ligado.

Para Febvre, os contrastes violentos entre dia e noite, inverno e verão, o barulho e silêncio, a carência de alimentação, explicariam em grande parte a psicologia do homem medieval.

E' necessário, portanto, fazer um levantamento das condições gerais de existência para se compreender a estrutura mental de uma época. Febvre estabelece aqui as linhas gerais de um método de trabalho, cujo esboço já se encontrava no seu *Le Problème de l'Incroyance au XVIe siècle — La religion de Rabelais*.

"... E' preciso inventariar detalhadamente o material mental de que dispunham os homens de uma época estudada... E' preciso utilizar a erudição e a imaginação a fim de reconstituir todo o universo físico, intelectual e moral, no meio do qual viveram tôdas as gerações passadas. E' preciso ter um sentimento claro de que a insuficiência de noções concretas e a natureza do material técnico à disposição da sociedade estudada engendram lacunas e deformações nas representações que essa sociedade forja do mundo, da vida política, da religião, etc. ..." (5).

Assim, para Febvre, a relação existente entre a estrutura mental, objeto constante de suas preocupações, e as bases materiais da existência, não é necessariamente de preponderância da última sobre a primeira.

O fato de Febvre limitar a capacidade de modificação da estrutura econômica não o impede, porém, de admitir que a compreensão da psicologia e das obras individuais só se torna possível quando as

---

(5) . — *Histoire et psychologie* in "Combats pour l'Histoire". Paris, Armand Collin, 1965, p. 218.

relacionamos com as condições materiais da existência. A passagem de uma esfera a outra, porém, não se faz diretamente.

Torna-se necessário valer-se de uma hierarquia de mediações; daí a necessidade do levantamento da estrutura mental de uma época para a compreensão total de produções intelectuais, por exemplo.

\*

### *O método em Rabelais.*

Nas primeiras trezentas e sessenta páginas do seu *Rabelais* (6), Febvre, ao questionar o problema do ateísmo, demonstra a insuficiência dos métodos tradicionais para a solução de problemas da história do pensamento. Abel Lefranc, por exemplo, havia descoberto um Rabelais ateu, assim como outros chegaram à construção de um Rabelais católico, erasmiano e platônico. O método utilizado aqui havia sido o de crítica interna e montagem de textos.

Convencido do subjetivismo irremediável desses esquemas, Febvre parte para a reconstrução da estrutura mental do século XVI, a fim de verificar a viabilidade de ela comportar ou não a existência de um sistema ateu.

\*

### *Prisões impostas pelas religião à vida.*

De início pergunta-se Lucien Febvre se a ruptura com o Cristianismo era possível no século XVI, ou melhor, se já existiam condições que tornavam possível uma tal ruptura. Isso posto, começa por avaliar o lugar que ocupava a religião cristã na vida dos homens. O Cristianismo, para nós, pode ser definido como um conjunto de dogmas e de crenças bem determinadas associadas a práticas, a ritos de há muito definidos. No século XVI, o Cristianismo era muito mais do que isto, era uma atmosfera na qual o homem vivia sua vida e não somente sua vida particular, pública e profissional. Hoje, escolhemos ser ou não cristãos. No século XVI não havia possibilidade de escôlha; era-se cristão de fato. Enfim, nessa época a Igreja estava estabelecida em pleno coração da vida dos homens, de sua vida sentimental, profissional e estética. Sua influência manifestava-se em tudo o que pensavam ou faziam sem que pudessem colocar o problema de saber se era possível outra forma de pensar ou agir.

\*

---

(6). — *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle. La religion de Rabelais.* Paris, Armand Collin, 1946.

*Os pontos de apoio do livre pensamento: a filosofia.*

Antes de pretender estabelecer uma síntese das filosofias renascentistas, Febvre coloca o seguinte problema: que clareza, que penetração, que eficácia poderia ter o pensamento de homens que para especular não dispunham ainda em sua língua de um vocabulário filosófico operacional? Um exemplo da pobreza vocabular da época revela-se na ausência das palavras: absoluto, relativo, concreto, virtual, insolúvel, intencional, intrínseco, inerente, oculto, causalidade, regularidade, indução, intuição, panteísmo, livre pensador.

Nas ciências: atração, órbita, eclipse, parábola, revolução, rotação, constelação e nebulosa.

Para raciocinar utilizavam-se da linguagem corrente. Após ter mostrado as limitações impostas pela linguagem aos filósofos do século XVI, Febvre passa a se preocupar em estabelecer um ponto comum entre as várias filosofias renascentistas.

Não havia surgido ainda aquilo que possibilitaria à filosofia dispensar a idéia de um supremo criador e ordenador das coisas: a ciência. Daí constituírem as filosofias renascentistas simples opiniões, raciocínios não apoiados em constatações científicas. Em suma, não ofereciam um ponto de apoio para o ateísmo. O ponto de apoio do pensamento renascentista é o naturalismo animista, isto é, Deus se confunde com a natureza. A natureza pode tudo, não conhece limites.

\*

*As Ciências.*

Embora favorecidos pela invenção da imprensa, não conseguiram os renascentistas, no plano científico, ultrapassar o estágio da compilação. Antes da imprensa, os textos antigos estavam espalhados pela Europa. Após sua invenção, as contribuições da geometria, da física, etc., ficaram à disposição dos intelectuais. Embora dispusessem agora de bases firmes para trabalhar, o homem renascentista limitou-se a compilar, a colecionar, pois não tinha, para descobrir os segredos da natureza, o necessário, isto é, instrumentos e linguagem científica.

\*

*Carência de Linguagem.*

O homem do século XVI não dispunha de instrumentos para observar (telescópio, microscópio, etc.), nem de escalas de exatidão

garantida para medir o objeto observado. Assim, a ciência carecia não só de instrumental, mas também de uma linguagem aritmética cômoda. Daí a predominância da utilização de cifras romanas em lugar de algarismos arábicos.

Os métodos de cálculo manuais estavam longe da unificação. Sem uma linguagem algébrica, sem uma linguagem aritmética, sem os instrumentos científicos mais rudimentares, como poderia o homem do século XVI pretender construir a ciência moderna, tóda ela fundada na idéia de quantificação da existência?

\*

*Tempo impreciso, tempo imóvel.*

A imprecisão é uma das características do século XVI. Não é estranho o fato de terem os homens da época um sentido da duração diferente da nossa. Pertenciam a uma sociedade essencialmente rural, daí estar sua estrutura íntima na dependência dos ritmos naturais. Os verdadeiros relógios eram raros, rudimentares.

As clepsidras eram mais comuns; as pessoas ignoravam sua idade, hesitavam entre várias datas de nascimento. Quanto à massa, não se preocupava com precisões cronológicas.

Enfim, carecendo de linguagem e instrumentos científicos, vivendo por consequência no mundo da imprecisão, não estava o homem renascentista em condições de construir a ciência moderna.

\*

*Um século de precursores.*

As hipóteses dos homens de ciência renascentista, não podendo ser confirmadas pela experiência em virtude da ausência de instrumentos e linguagem científica, permaneciam no estado de meras opiniões. Para que houvesse verdadeiro progresso, era preciso provas experimentais e decisivas. Para que a teoria heliocêntrica de Copérnico, por exemplo, fôsse aceita por todos, seria necessário que ela se fundasse na experiência, contudo, o método experimental ainda não havia sequer surgido.

Em virtude da falta de amadurecimento da estrutura geral da vida no século XVI, tornou-se impossível o surgimento da ciência moderna imediatamente após a queda da ciência medieval. O interregno foi preenchido pelo chamado naturalismo animista.

\*

*Os pontos de apóio da religião: o ocultismo. O senso do impossível.*

Dentro dêste quadro geral, o homem renascentista não tinha a noção do impossível; não sabia duvidar da possibilidade de um fato. Desconhecia a noção tirânica de uma lei capaz de limitar a potência da natureza criadora. Daí sua despreocupação com a crítica do fato. Tal crítica não começará antes do dia em que essa noção de lei entrar em vigor universalmente; antes do dia em que a noção de impossível tomar sentido. Os homens do século XVI conhecem apenas a experiência imediata, não a experiência controlada.

\*

### *Conclusão.*

O estudo de Lucien Febvre demonstra afinal a ausência de uma base científica e filosófica no século XVI, impossibilitando a elaboração de um sistema ateu. Êste só poderia florescer após a eclosão da ciência moderna.

Assim, falar-se num Rabelais ateu no século XVI, é puro anacronismo, pois a própria estrutura mental da época não comportava o ateísmo.

Quanto ao método, a originalidade de Febvre consiste em sugerir para a reconstrução da estrutura mental da época o inventário e o tratamento quantitativo e qualitativo da utensilagem mental e material existente.

Febvre deixa implícita a necessidade de estabelecer uma relação entre a estrutura mental e as bases materiais da existência.

D um ponto de vista crítico, porém, não chega a valorizar o papel específico da infra-estrutura como condicionante da estrutura mental. Êle define claramente a sua concepção metodológica ao negar o primado do econômico; admite, isto sim, uma interferência constante entre as várias estruturas.

Não levanta o problema da mediação apenas, mas o resolve na prática.

Contudo, o que Febvre não indica é uma solução para o problema da passagem de um quadro mental a outro. Trata o quadro mental do século XVI como se êle estivesse encerrado num compartimento estanque.

Em síntese, se é verdade que Febvre avança no tratamento científico das estruturas mentais, comete o êrro de perder a perspectiva de seu dinamismo.

Finalmente, parece-nos haver êle falhado ao valorizar em demasia a categoria tempo e em não cuidar da determinação da consciência possível das classes sociais do período que analisou. Irônicamente, Febvre acaba por ser iludido pela categoria tempo — o grande objeto de seus cuidados.